

## ***Um estudo dos gêneros do Caderno “Folha 2” da Folha de Londrina: primeira etapa da transposição didática externa***

**Samandra de Andrade Corrêa**

Universidade Estadual do Norte do Paraná-UENP

**Eliana Merlin Deganutti de Barros**

Universidade Estadual do Norte do Paraná-UENP

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar um recorte dos resultados de pesquisas realizadas no projeto de iniciação científica: “Um estudo dos gêneros do caderno *Folha 2* da *Folha de Londrina*: primeira etapa da transposição didática externa” o qual encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa “Gêneros da mídia jornalística como objetos de transposição didática externa”, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Merlin Deganutti de Barros. A fundamentação teórica que norteia a pesquisa são os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Nosso foco é apresentar os gêneros que compõem o Caderno *Folha 2* da *Folha de Londrina* e algumas especificidades do jornalismo. Partimos da premissa que o Jornal é um importante suporte para o letramento escolar, pois apresenta uma diversidade de gêneros que podem motivar o aprendizado da Língua Portuguesa.

**Palavras-chaves:** Interacionismo Sociodiscursivo; Jornalismo; Gêneros jornalísticos

### **Abstract**

The objective of this article is to present part of the results of research done in the scientific initiation project: “A study of genres in the section *Folha 2* from *Folha de Londrina*: first stage of the external didactic transposition.” This project is linked to the research project “Genres of the journalistic media as objects of external didactic transposition”, under the coordination of professor Eliana Merlin Deganutti de Barros. The theoretical foundation that guides the research is the studies of Sociodiscursive Interactionism (SI). Our focus is to present the genres that compose the section *Folha 2* from *Folha de Londrina* and some journalistic specificities. Our premise is that the newspaper is an important support for literacy in schools, since it presents a genre diversity that can motivate the learning of Portuguese language..

**Keywords:** Sociodiscursive Interactionism; Journalism; Journalistic Genres.

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz resultados das pesquisas desenvolvidas para o projeto “GÊNEROS DA MÍDIA JORNALÍSTICA COMO OBJETOS DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA EXTERNA”, desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). O objetivo é apresentar resultados parciais da elaboração de um modelo teórico<sup>1</sup> (BARROS, 2012) da “Folha 2” do jornal *Folha de Londrina*, com foco em um mapeamento dos gêneros textuais do Caderno.

As nossas pesquisas estão pautadas nos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), tanto na sua vertente de análise de textos, como nos seus estudos sobre a transposição didática, no âmbito do ensino da língua materna. Dessa forma, mesmo que esta investigação não aborde diretamente a sala de aula, nosso foco é, com certeza, os processos que envolvem o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Para concretizar a nossa pesquisa empírica temos, assim, como objeto de análise, o Caderno “Folha 2” da *Folha de Londrina*. O projeto de pesquisa ao qual nossos estudos se vinculam tem como foco de análise o Jornal *Folha de Londrina*, o qual é dividido em diversos *Cadernos Temáticos* – objetos de investigação de vários pesquisadores do projeto. O *Caderno Folha 2*, objeto da nossa investigação, é conhecido como Caderno Cultural, pois apresenta um conteúdo diversificado voltado para o entretenimento, arte, música, literatura, cinema, televisão, entre outros. A princípio pensávamos que o Caderno se articulava apenas à esfera cultural, mas, no decorrer da pesquisa, percebemos que está voltado também para a esfera do entretenimento. Isso se justifica pelo fato de a *Folha 2* veicular gêneros que têm a finalidade primeira de entreter, como a tirinha e o sudoku. O leitor em potencial desse Caderno busca dialogar com conteúdos específicos, podendo assumir o papel social de um cinéfilo, um apreciador de artes, um “noveleiro” ou simplesmente um fruidor que quer apenas passar o tempo lendo uma tirinha ou o horóscopo do dia.

Para instrumentalizar a geração de dados, selecionamos como *corpus* textual os exemplares de março, abril e maio de 2013, meses de início da nossa pesquisa. O artigo está dividido em três tópicos: “A transposição didática na perspectiva do ISD”; “Esfera Jornalística”; “O mapeamento dos gêneros da Folha 2”.

---

<sup>1</sup> Segundo Barros (2012), um objeto social pode ser modelizado, a priori, teoricamente, sem levar em conta um contexto específico de transposição didática. O objetivo é descrevê-lo para que, em um segundo momento, possa ser adaptado para um contexto singular de intervenção didática. Essa primeira fase da transposição didática a autora denomina “modelo teórico”.

## A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NA PERSPECTIVA DO ISD

De acordo com Bronckart (2006), o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma ciência que parte do interacionismo social de Vygotsky (2008), porque aceita, a priori, todas as ideias fundadoras do pensamento vygotskiano, mas amplia seu escopo, não se restringindo ao estudo psicológico, já que seu foco é a linguagem humana. Entretanto, o ISD, mais que uma ciência linguística, pretende ser uma *corrente da ciência do humano*, cuja questão centralizadora está na investigação das atividades languageiras – são as ações que um indivíduo utiliza para comunicar-se, que ocorre por meio dos gêneros, sejam eles orais ou escritos. Para o ISD, não é possível analisar a sociedade sem verificar a linguagem, assim como não é possível analisar a linguagem sem olhar para o meio social.

O ISD trabalha em três grandes frentes: 1) análise de textos/discursos; 2) análise das atividades de trabalho; 3) ensino-aprendizagem da língua. Nessa terceira frente, adota a noção de *transposição didática* (CHEVALLARD, 1984), a saber, processo de transformação pelo qual um objeto do mundo científico passa até chegar a ser objeto ensinado e apreendido. Ou seja, antes do conhecimento chegar à escola ele sempre passa por transformações, rupturas até ser transformado em conhecimento didatizado. Isso ocorre com todas as disciplinas, não só com a Língua Portuguesa, pois o objeto de ensino deve ser levado para a sala de aula na forma de atividades, e não como simples “teoria” (BARROS, 2012).

No âmbito da transposição didática, os autores genebrinos distinguem dois níveis: a transposição didática externa e a interna (DOLZ; GAGNON; CANELAS-TREVISI, 2009). O primeiro compreende todo o processo envolvido na passagem dos saberes científicos aos saberes a ensinar. Já a transposição interna envolve “não somente a passagem dos saberes a ensinar aos objetos ensinados, mas na criação de dinâmicas e a sua transformação em situações de ensino” (DOLZ; GAGNON; CANELAS-TREVISI, 2009, p. 74).

Esta etapa da nossa investigação tem como foco a transposição didática externa, uma vez que pretende modelizar teoricamente um *subsuporte*<sup>2</sup> textual que, em fase posterior da pesquisa, será objeto de didatização, tanto no nível da transposição externa

---

<sup>2</sup> Consideramos o jornal como um suporte textual, ou seja, um portador físico de textos (MARCUSCHI, 2008) e, seus Cadernos, como subsuportes.

como interna: elaboração de matérias didáticos para desenvolvimento de projetos de ensino<sup>3</sup>.

Normalmente, o educador acaba não sendo “ator” de todo processo de didatização do objeto de ensino, pois não participa dos processos envolvidos na transposição didática externa, já que quase sempre quem age nessa fase são os autores dos livros didáticos (BARROS, 2012). O problema é que, com as propostas das novas diretrizes de ensino da língua (BRASIL, 1998; PARANÁ, 2008), muitos profissionais da área de Língua Portuguesa ficaram sem saber como trabalhar com os novos objetos de ensino – as práticas discursivas, configuradas em gêneros – já esses não estiveram presentes na formação desses profissionais. Evidentemente, há várias questões envolvidas nessa problemática, como a falta de formação docente e questões políticas envolvendo a progressão curricular e a distribuição de materiais didáticos às escolas. Por outro lado, há também, em certos casos, uma resistência por parte do educador, já que muitas vezes ele não aceita outra forma de ensino que não seja a tradicional, ou seja, o ensino da língua pelo viés gramatical (ver ANTUNES, 2014).

Nesse sentido, precisamos refletir: como trabalhar com os gêneros na sala de aula?

O ISD tem dois instrumentos para colocar em prática a transposição didática, no âmbito dessas propostas de ensino da língua: o modelo e a sequência didática; os quais fazem parte da engenharia didática criada pelo Grupo de Genebra para viabilizar o trabalho com os gêneros textuais.

Antes de o professor elaborar sua sequência didática é fundamental que conheça o gênero em questão, ou seja, é necessária uma descrição desse objeto. É essa descrição, adaptada ao contexto de intervenção didática, que o ISD denomina de *modelo didático de gêneros*.

Se considerarmos o modelo didático do gênero a ensinar como produto acabado, do ponto de vista de sua forma ou estrutura, ele em geral apresenta cinco componentes essenciais: 1) a definição geral do gênero; 2) os parâmetros do contexto comunicativo; 3) os conteúdos específicos; 4) a estrutura global; 5) as operações linguísticas e suas marcas linguísticas (DE PIETRO; SCHENEUWLY, 2014, p.33).

Ou seja, o modelo didático capitaliza as características contextuais, estruturais, funcionais e linguístico-discursivas de um gênero, mas adaptando-a às capacidades de

<sup>3</sup> Etapa que realizaremos na próxima fase da nossa pesquisa, já que intencionamos dar continuidade ao processo de transposição didática iniciado com o mapeamento dos gêneros do jornal.

linguagem dos aprendizes – alvos da transposição didática (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006).

O modelo didático permite que o professor conheça as características do gênero e que essas sejam adaptadas ao contexto de intervenção. Mostra, assim, uma direção para o educador e autor de material didático. Segundo Barros (2014), a construção de um modelo didático permite uma visualização contextual e discursiva do objeto de ensino. Entretanto, muitas vezes, o professor se guia por seu conhecimento prévio, sem a sistematização de uma ferramenta que descreva o objeto de ensino – é o que De Pietro e Schneuwly (2014) chamam de “modelo intuitivo do gênero”.

Entretanto, segundo Barros (2014), a elaboração do modelo do gênero pode ser pensada, a priori, teoricamente, sem que se leve em consideração as capacidades dos aprendizes que serão alvos da transposição didática – é o que a autora chama de *modelo teórico do gênero*. Para a autora, o contexto de ensino, a princípio, não é necessário para o processo de modelização. “Ele [o modelo do gênero] pode ser elaborado, a princípio, de forma genérica e servir como base teórica para a elaboração de diversas SD” (BARROS, 2014, p. 46). O modelo teórico seria um estudo descritivo de determinado gênero (no nosso caso, de um Caderno de um jornal impresso), sem, a princípio, se pensar num contexto de ensino específico.

Na nossa pesquisa nos apropriamos desse conceito para viabilizar o estudo da Folha 2, ou seja, nosso objetivo é construir um modelo teórico do Caderno, para, em etapa posterior da pesquisa, didatizá-lo para um contexto de intervenção pedagógica singular. Para tanto, se faz necessário um aprofundamento de questões que envolvem a funcionalidade da esfera jornalística.

## A ESFERA JORNALÍSTICA

Segundo José Marques de Melo (1985), a essência do jornal está nas informações atuais. “Na essência mesma do jornalismo que se nutre do efêmero, do provisório, do circunstancial, e por isso exige do cientista maior argúcia na observação e melhor instrumentação metodológica para que não caia nas malhas do transitório” (MELO, 1985, p.7). Assim, compreendemos que o jornalismo apresenta como característica central a atualidade. Além disso, o jornal apresenta dois aspectos essenciais: a periodicidade e a difusão. Para Melo (1985), esses dois aspectos (periodicidade e difusão) estão relacionados à “necessidade social da informação”, ou

seja, o jornal é publicado diariamente justamente para atender às necessidades que as pessoas têm de se manter informadas sobre os fatos. A sociedade tem acesso às informações que os jornais publicam, seja por meio do jornal impresso ou do virtual.

Partindo de características fundamentais como atualidade, informação, objetividade, o jornal se articula a várias esferas discursivas, como a do entretenimento, econômica, do cotidiano, etc.; pois o homem sempre está ligado com a informação, seja por interesses profissionais, pessoais, lúdicos, etc. Por exemplo, o Caderno analisado em nossa pesquisa faz um diálogo, sobretudo, com o campo do entretenimento.

Uma característica discursiva de relevância dos gêneros do jornal, sobretudo os factuais, são os títulos. O título no jornal tem a função de chamar a atenção, ou seja, atrair o leitor. Para Faria e Zanchetta Jr (2007), o título tem a função de antecipar a notícia, ou seja, trazer uma ideia do assunto que será relatado. Os títulos precisam ter esse teor atrativo, pois as pessoas, em muitos casos, não têm tempo para ler uma matéria jornalística na íntegra, então, o título assume o papel de “resumo” do fato. No caso das notícias/reportagens, geralmente, respondem pelo menos duas perguntas em relação ao fato: QUEM? O QUÊ?. Segundo Faria e Zanchetta Jr (2007), os títulos apresentam características como: textos sintéticos; frases na ordem direta; predomínio de substantivos; verbos flexionados no presente; ausência de verbo para apontar agente implícito; títulos de primeira página mais concisos em relação aos de páginas internas.

Além da reportagem e notícia, há outros gêneros que são relacionados às classificações tradicionais dos estudiosos do jornalismo. Melo (1985) classifica os gêneros do jornal em: informativos e opinativos. Consideramos que essa divisão entre opinião e informação está se tornando cada vez mais complicada, pois há gêneros que estão se misturando com outros, dificultando essa classificação, já que a opinião e a informação estão cada dia mais se fundindo na esfera jornalística. Talvez essa classificação fosse adequada para um determinado momento da sociedade, mas os gêneros do jornal estão cada vez mais se transmutando discursivamente.

Bonini (2003) não faz uma divisão entre gêneros informativos e opinativos (ou interpretativos). Sua classificação é baseada na atividade do jornal, isto é, na função dos gêneros dentro do jornal, a partir de “pares” que se contrapõem, como podemos visualizar no quadro a seguir.

**Quadro 1 – Categorização de Bonini (2003)**

<b>Categorias de gêneros jornalísticos de Bonini (2003)</b>	
Gêneros da atividade jornalística	Gêneros do jornal
Gêneros centrais	Gêneros periféricos
Gêneros presos	Gêneros livres
Gêneros autônomos	Gêneros conjugados

Bonini (2003) toma essas categorias para desenvolver suas pesquisas, a partir das seguintes definições:

- a) **gêneros da atividade jornalística** – são aqueles que estão presentes no jornal no ambiente de produção do jornal;
- b) **gêneros do jornal** – são aqueles que ocorrem no jornal;
- c) **gêneros centrais no jornal** – são aqueles que estão diretamente relacionados à organização e aos principais objetivos sociais/comunicacionais do jornal (relatar, prever e analisar acontecimentos);
- d) **gêneros centrais e presos** – são aqueles que estruturam o jornal;
- e) **gêneros centrais e livres** – são aqueles que fazem o jornal funcionar;
- f) **gêneros centrais livres conjugados** – ocorrem, em geral, como apêndice dos gêneros autônomos, principalmente da reportagem; e,
- g) **gêneros periféricos** – estão relacionados a propósitos sociais/comunicacionais que incidem sobre o jornal, como os de promover produtos e pessoas, divertir, educar, cumprir normas legais, contratar pessoas, etc. (BONINI, 2003, p.221)

Para as nossas análises, optamos por utilizar a categorização de Bonini (2003), porém sem considerar a classificação feita pelo autor de gêneros livres e presos, pois entendemos que ela acaba se confundindo com outras categorias abordadas, assim, como nosso escopo é o ensino, procuramos simplificar o quadro analítico.

Na nossa análise, assim como faz o autor supracitado, desconsideramos a oposição unilateral entre informação e opinião, mesmo entendendo que, discursivamente, um gênero, geralmente, apresenta uma predominância na sua planificação textual. Por exemplo: é vago dizer que a resenha é um texto opinativo, pois sabemos que esse gênero, dependendo do seu contexto de produção, pode oscilar entre o teor descritivo e avaliativo e, muitas vezes, a informação acaba se sobressaindo à opinião. Dessa forma, é a análise do texto e de seu contexto de produção que pode clarear a tipologia usada pelo gênero.

Outra divisão que mantemos em nossas análises são entre os gêneros autônomos e conjugados. Entretanto, essa noção foi ampliada pela nossa pesquisa, pois além de considerarmos conjugados os gêneros que dependem de outros para funcionar, como é o caso do infográfico que, no jornal, só existe vinculado, normalmente, ao gênero “reportagem”, adotamos essa noção também para os gêneros que só funcionam em um



espaço fixo do jornal, como em uma coluna. Temos, assim, gêneros conjugados a outros gêneros ou a uma determinada coluna. Diferentemente de autores como Fontana, Paviani e Pressanto (2009), não consideramos a coluna como um gênero, mas como um espaço físico do jornal/revista, que pode apresentar uma diversidade de gêneros. Uma mesma coluna pode abrigar, por exemplo, um comentário, ensaio, crônica, etc.

Para nossa pesquisa estamos considerando o *Caderno* como um *subsuporte* do jornal, já que consideramos o jornal um suporte textual (MARCUSCHI, 2008), diferentemente de Bonini (2003) que o toma como um *hipergênero* – gênero macro que abarca outros gêneros. Não aderimos a esse conceito de Bonini (2003), pois, como trabalhamos com o ensino e, nesse lócus, o jornal já está cristalizado como um suporte textual, optamos por não problematizar esse conceito. Entendemos o *Caderno* como um subsuporte, pois, assim como o jornal, ele é um espaço físico que “porta” alguns gêneros.

## O MAPEAMENTO DOS GÊNEROS DA *FOLHA 2*

Para realizar o nosso mapeamento dos gêneros do Caderno *Folha 2*, dentre os exemplares do nosso *corpus*, privilegiamos os referentes aos dias de terça-feira a sábado, devido à organização diferenciada do jornal aos domingos e segundas – de terça a sábado o jornal é formado por seis Cadernos: Primeiro Caderno, Folha Economia, Folha Esportes, Folha Cidades, Folha 2 e Classificados. Nos domingos também são veiculados outros dois Cadernos (Folha Imóveis, Folha Gente); na segunda-feira não há o Caderno Folha 2, ele está inserido no Primeiro Caderno.

A dificuldade de mapear os gêneros nesse *subsuporte* foi grande devido ao hibridismo presente no Caderno. Marcuschi (2010, p. 21) destaca bem esse fato detectado pela nossa pesquisa: “Esses gêneros que emergiam no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com certo *hibridismo* [...]” (MARCUSCHI, 2010, p.21).

Na nossa pesquisa empírica, para facilitar a identificação dos gêneros que circulam nesse subsuporte, elaboramos uma legenda a partir de cores diferenciadas. Assim, após o mapeamento dos gêneros, feito com base no nosso *corpus* textual, concluímos que o Caderno Folha 2 é formado por 18 gêneros: *anúncio publicitário*, *comentário*, *crônica*, *cruzada*, *entrevista*, *ficha técnica*, *foto/legenda*, *horóscopo*, *notícia*, *notas sociais*, *reportagem*, *resenha descritiva de livros infantis*, *resenha crítica*



*de arte, roteiro, sinopse de filme comentada, sudoku, tirinhas, tira dúvidas de Língua Portuguesa.* Calculamos um total de 4.037 textos.

Com esse inventário, identificamos gêneros que são fixos no jornal, mas também aqueles que durante o mês apareceram eventualmente, como é o caso do *comentário*, que apareceu duas vezes em uma coluna chamada “No Tom”, escrita por Marcos Roman. Vejamos, a seguir, uma definição para esse gênero.

O comentário tem sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo (MELO, 1985, p.87).

Nessa coluna “No Tom” encontramos comentários sobre a música popular brasileira (MPB), cantores desse estilo ou shows. Às vezes os comentários são focados em um cantor da MPB e sua trajetória musical. Assim, o objetivo desses comentários é fazer com que os leitores conheçam esse estilo de música que faz parte da nossa cultura, além de atualizar os leitores que já apreciam a MPB.

Em relação aos gêneros identificados, procuramos manter os “rótulos” pelos quais são conhecidos na área da Comunicação – em razão disso tivemos que fazer uma exaustiva pesquisa bibliográfica sobre a classificação dos gêneros jornalísticos, para que pudéssemos confrontar a descrição dada por esses autores com o plano textual global dos textos mapeados no Caderno. No entanto, há gêneros para os quais precisamos criar uma nova nomenclatura, ou emprestar de recentes pesquisas da área dos estudos da linguagem, pois não encontramos descrições similares na literatura do campo da Comunicação.

No primeiro caso, temos a *sinopse de filme comentada*. Entendemos por *sinopse* a síntese descritiva do enredo de um livro, filme, etc., ou seja, de um objeto/evento cultural. Em nosso caso, esse gênero se vincula apenas a uma síntese do enredo de um filme, que apesar de manter as características gerais desse gênero, contém estrelinhas (\*\*\*) indicando se o filme é \*ruim, \*\*regular, \*\*\*bom, \*\*\*\*muito bom ou \*\*\*\*\*imperdível, o que configura, a nosso ver, um tipo de comentário. Dessa forma, optamos por acrescentar o termo “comentada” para diferenciá-la de uma sinopse apenas descritiva. Essa posição, entendemos, é de suma importância para a transposição didática desse gênero, pois seu rótulo genérico já indicará seu funcionamento discursivo.

Quanto ao gênero “*tira dúvidas de português*”, adaptamos essa nomenclatura de outro trabalho da área de estudos da linguagem (BARROS; ROSA, 2013), que trabalhava com textos publicados na *Folha de Londrina* e estruturados a partir do binômio pergunta/resposta, nos quais uma especialista da área respondia questões sobre a língua portuguesa, enviadas por internautas. No nosso caso, esse gênero encontra-se em uma coluna intitulada “Educar-se”, que traz, como título, dúvidas relacionadas ao uso da língua Portuguesa. Seu conteúdo é voltado para esclarecer essas dúvidas; às vezes o texto da coluna inicia-se com um exemplo textual para destacar o uso das regras gramaticais em foco.

No caso da *resenha descritiva de livros infanto-juvenis*, precisamos fazer uma ressalva. Optamos por usar essa nomenclatura, mesmo sabendo que, no campo dos recentes estudos da linguagem, o confronto entre resenha descritiva e crítica não é aceito com unanimidade. É comum autores dar à resenha um caráter essencialmente avaliativo. Monteiro (1998, p. 22) diz que “o ponto alto da resenha é a visão crítica de quem a escreve”. Até então, nós também partilhávamos do mesmo ponto de vista. Entretanto, ao analisar os textos veiculados às reportagens publicadas semanalmente (terças-feiras) pelo Programa Folha Cidadania, verificamos que eles têm todas as características descritivas da resenha de livros – apresentação do livro, autor e síntese do enredo – mas sem trazer nenhuma opinião explícita, sem avaliar a obra. Esse fato nos levou, então, a aderir à divisão feita por Fiorin e Savioli (1993) entre resenha crítica e descritiva porque não tínhamos outro rótulo que pudesse identificar o texto. Aderimos, a princípio, ao rótulo *resenha de apresentação*, mas presumimos que cairíamos na mesma noção de *resenha descritiva*, já existente.

A rotulação dos demais gêneros mapeados baseou-se em pesquisas bibliográficas da área da Comunicação. Utilizamos, para a nossa pesquisa, as categorias de Bonini (2003) para classificar os gêneros do Caderno Folha 2: gênero central, periférico, autônomo e conjugado. Assim, a classificação está baseada no jornal em geral e, portanto, mesmo com pouca quantidade no Caderno, há gêneros que são considerados centrais, devido a sua funcionalidade no jornal, como, por exemplo, a *notícia*. Já os gêneros periféricos são aqueles que estão voltados ao entretenimento. Vale destacar que classificamos a *resenha descritiva de livros infantis* e a *resenha crítica de arte* como centrais, pois não têm a finalidade de entreter: apenas seu conteúdo temático é do mundo do entretenimento.

Diante dessa categorização vemos que os gêneros periféricos veiculados pela Folha 2 apresentam funcionalidade própria dentro do Caderno, isto é, são autônomos em relação a outros gêneros. Os conjugados apresentam-se sempre subordinados a outros gêneros – pelo menos na Folha 2 –, como, por exemplo, a *entrevista*, que é um gênero central para o jornal, mas neste caderno é um gênero conjugado. No Caderno analisado, ela é publicada às terças-feiras, conjugada a uma reportagem do universo artístico e à reportagem da Folha Cidadania. A reportagem do universo artístico traz um relato sobre a carreira de um ator ou atriz da TV e, ao lado, há uma entrevista textualizada a partir de enunciados como: nome, idade, primeiro trabalho na TV, momento marcante na carreira, com quem gostaria de contracenar, etc. A segunda entrevista que faz parte da Folha Cidadania está na coluna “Palavra de Estudante”: uma pergunta é realizada com os estudantes que estão envolvidos com as atividades do projeto e cerca de quatro alunos respondem sobre a atividade que foi desenvolvida ou sobre um tema específico. No dia 07/05/2013 a pergunta foi: “Você está seguro sobre a sua escolha profissional?”. Quatro alunos responderam, mas a pergunta estava relacionada à reportagem da Folha Cidadania “O futuro é agora”.

A *ficha técnica* é um gênero que aparece sempre dependente da resenha (tanto a descritiva como a crítica de arte), pois traz informações referentes aos livros e filmes, focos de análise do gênero principal.

Em relação à organização geral do Caderno, verificamos que não são todos os dias que as *notícias* são publicadas. De acordo com Franceschini (2004), a notícia informa sobre um fato novo. Assim, em nosso Caderno, a *notícia* não é um gênero fixo, pois relata um fato “novo” relacionado ao universo artístico e cultural. Apesar de ser um gênero próprio da esfera jornalística, na Folha 2 a *notícia* não tem grande representatividade.

*A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística (MELO, 1985, p.49).*

A *reportagem* tem como característica detalhar o fato uma vez que já é conhecido pela sociedade. Neste Caderno, este gênero tem grande destaque, ao contrário dos outros Cadernos, em que muitas vezes há um predomínio maior da *notícia*. As reportagens abordam assuntos relacionados à música, livros, o mundo artístico. Vejamos alguns exemplos de títulos das reportagens publicadas: Rock autoral buscando

espaço, Teatro de rua, As mulheres de Graciliano, Efeito sertanejo, Uma bela banda na cidade, Pelo uso racional da água, O patrimônio histórico ao nosso lado, etc. Os três últimos títulos fazem parte das reportagens do programa Folha Cidadania.

O Programa Folha Cidadania é uma parceria entre o jornal *Folha de Londrina* e entidades sociais e secretarias de Educação, cujo objetivo é utilizar o jornal como suporte pedagógico para estimular a leitura entre os jovens. A *reportagem* é publicada no formato de espelho e pautada em atividades desenvolvidas nas escolas. Os temas são sempre ligados à educação, mas o foco pode variar: cidadania, meio ambiente, leitura, etc.

No Caderno há gêneros que classificamos como da esfera do entretenimento como: *horóscopo*, *cruzadas*, *sudoku*, *tiras*. São gêneros publicados diariamente. Pires (2007, p. 4) assim define o primeiro: “O horóscopo, como parte de uma ciência mística – a Astrologia – se destina a orientar pessoas, em seus sentimentos e comportamentos, tendo como base a posição dos astros”. Como vemos, na definição do autor, esse gênero tem a finalidade de orientar os indivíduos com base na Astrologia. Porém, acreditamos que esse gênero, no jornal, tem um objetivo mais lúdico, pois a maioria das pessoas, mesmo não acreditando na sua “previsão mística”, o lê, mas de uma forma descompromissada, num ato de curiosidade. Isso é corroborado pela sua inserção ao lado de tirinhas, cruzadas, etc. Já cruzadas e sudokus são passatempos que convidam o leitor a um momento de lazer.

No Caderno Folha 2 as *tiras* não apresentam um número fixo de quadrinhos; encontramos tiras compostas por apenas um quadrinho e outras com três (mais comum) ou até seis. São publicadas duas tirinhas diariamente dos personagens “Edibar” e “Theo”.

As tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (capítulos de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia) (MENDONÇA, 2002, p.199 apud SILVA, 2008, p.4).

Os gêneros de maior representatividade quantitativa são as *notas sociais* e os *roteiros*. Isso se dá, evidentemente, por causa do tamanho desses textos. Não fizemos um levantamento do espaço ocupado pelo gênero, mas da sua recorrência em números. Por exemplo: em uma página, dependendo do dia, podem ser publicadas dezenove *notas sociais* – por outro lado, uma única *reportagem* pode ocupar esse mesmo espaço. De acordo com Medina (2001), a nota comunica um acontecimento, de forma breve e

concisa. No Caderno Folha 2, temos somente as *notas sociais*, inseridas na coluna “Sociedade Londrina” e escritas por Thiago Nassif (coluna fixa do jornal), que relatam eventos de que participaram pessoas de destaque da sociedade de Londrina. Já o *roteiro* traz informações breves e objetivas sobre diversos eventos culturais (emprestamos esse rótulo de MEDINA, 2001).

De acordo com Melo (1985, p. 97), *resenha* “corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais com a finalidade de orientar a ação dos fruidores e consumidores”. Como já dissemos, essa é uma acepção que também partilhávamos, porém, ao nos depararmos com uma resenha apenas descritiva, achamos por bem denominar as resenhas com teor avaliativo *resenhas críticas de arte* – consideramos arte como literatura, teatro, filme, etc. No nosso Caderno, *as resenhas críticas de arte*, voltadas para um público adulto, são publicadas nas terças-feiras. Nas sextas-feiras publicam-se as resenhas de filmes.

Já as *crônicas* são publicadas todas as quartas-feiras em uma coluna intitulada “Crônica”. Referem-se a textos escritos por leitores e enviados ao jornal para publicação.

A crônica é um gênero de texto tão flexível que pode usar a máscara de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio, ou a poesia sem se confundir com nenhum deles. É leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos (LAGINESTRA; PEREIRA, 2010, p.20).

Há vários tons de crônicas: humorística, reflexiva, lírica, etc. No entanto, a maioria das crônicas que são publicadas no Caderno Folha 2 são reflexivas.

A *foto/legenda* é um gênero que tem uma grande incidência no Caderno, pois sempre acompanha uma *reportagem*. Em nossa análise não encontramos nenhuma reportagem sem foto. Além disso, a foto/legenda é muito recorrente na coluna “Sociedade Londrina”, onde são publicadas as notas sociais, ou seja, as fotos são sempre de eventos que acontecem na sociedade londrinense. “Uma foto jornalística tem pouco valor informativo se não for acompanhada de sua respectiva legenda, pois em toda informação há elementos abstratos que não podemos visualizar” (FARIA; ZANCHETTA JR, 2007, p.111). A legenda é muito importante para situar o leitor em relação às pessoas e lugares que aparecem nas fotos.

Os *anúncios publicitários* têm a função de divulgar um produto ou serviço. No Caderno Folha 2, há *anúncios publicitários* que ocupam metade da primeira página,

além de pequenas ilustrações nas outras páginas do Caderno. Esses anúncios tendem a chamar muita a atenção do leitor devido à sua coloração e organização no jornal.

Apesar do *corpus* selecionado ser composto por jornais dos meses de março, abril e maio do ano de 2013 e a *Folha de Londrina* ter alterado seu *layout* em 2014, percebemos que esse fato não comprometeu, de forma geral, o nosso mapeamento dos gêneros do Caderno Folha 2, pois a organização do Caderno não sofreu alteração. Os gêneros continuam os mesmos e sendo publicados nos mesmos dias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o Caderno Folha 2 apresenta uma diversidade de temáticas e gêneros, devido a sua especificidade (cultura, entretenimento). Entendemos que a diversidade desse Caderno cultural pode ser levada para o contexto de ensino da língua portuguesa, mas, para isso, é preciso que esse objeto social seja estudado e descrito *a priori*, teoricamente, como ele funciona na esfera jornalística. É justamente isso que nossa pesquisa objetivou: dar o primeiro passo para a concretização de futuros processos de ensino e aprendizagem. No ponto de vista adotado por nossa pesquisa, essa fase configura-se como a primeira etapa de um processo de transposição didática: a modelização teórica de um potencial objeto de ensino.

Esperamos que os resultados do nosso mapeamento e as descrições desses gêneros possam auxiliar futuras pesquisas da área, assim como subsidiar o trabalho em sala de aula, tendo em vista que a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais é que os gêneros sejam instrumentos de ensino da Língua Portuguesa – entre eles, os do jornal.

Além disso, acreditamos que o nosso olhar para o jornal precisa mudar, para que o tomemos como um grande suporte de ensino da Língua Portuguesa, devido a sua grande variedade de gêneros. O ensino dos gêneros jornalísticos não deve ficar restrito apenas aos gêneros *notícia* e *reportagem*. O ideal é que os alunos conheçam a variedade de gêneros que circulam nas mídias jornalísticas, pois, por meio deles, o educador pode desenvolver múltiplos processos de letramento.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti. As reconcepções do trabalho docente no processo da transposição didática de gêneros. In:\_\_\_\_\_. **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. Campinas: Pontes, 2014, p. 41-68.

\_\_\_\_\_. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raido**, (UFGD), Dourados-MS, v.6, n.11, p.11-35, jan./jun.2012.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti; ROSA, Lidianie Escaravaco Borges. A didatização do gênero textual ‘coluna de dúvidas de português’. **Educação e Linguagens**, v.02, n.3, 2013. Disponível em: [www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos](http://www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos). Acesso em: 04 nov. 2014.

BONINI, Adair. Os gêneros do Jornal: o que aponta a Literatura da área de comunicação no Brasil?. **Linguagem em (Dis)curso, Tubarão**, v.4, n.1, p.205-231, jul/dez.2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Org. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meireles Matencio. Trad. Anna Rachel Machado et al. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

CHEVALLARD, Yves. **Les processus de transposition didactique et leur théorisation** 1984. Disponível em: [http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/article.php3?id\\_article=114](http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/article.php3?id_article=114). Acesso em: 03 jul.2014.

DE PIETRO, Jean-François; SCHNEUWLY, Bernard. O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2014.p. 27-53

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; CANELAS-TREVISI, Sandra. Cartes conceptuelles des objets d’enseignement. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). **Des objets enseignés en classe de français**. Rennes: Presses Universitaires Rennes, 2009, p. 65-74.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA Jr, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 2ª ed. 1º reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan./jun. 2004.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1993.



FONTANA, Niuria Maria; PAVIANI, Neires Maria S.; PRESSANTO, Isabel Maria P. **Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor (orientação para produção de textos)**. São Paulo: CENPEC, 2010.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.6, n.3, p.547-573, set./dez.2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidades. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BERZERRA, Maria Auxiliadora (org). **Gêneros textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Symposium**, ano 5, n. 1, jan./jun. 2001.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MONTEIRO, Silvana Drumond. **Elaboração de resumos e resenhas**. Londrina: EDUEL, 1998.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Paraná: SEED, 2008.

PIRES, Gabriela Silva. O que os astros dizem? Uma análise sobre os aspectos estruturais e funcionais do gênero horóscopo em um jornal britânico. In: CONGRESSO DE LETRAS, 1, 2007. **Anais...** UNEC, v. 1, 2007, p. 1-10. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/view/318/394>>. Acesso em: 12 jun. 2014

SILVA, José Ricardo Carvalho. O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 12, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008, p.1-10. Disponível em: <[www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br)>. Acesso em: 21 jul.2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 4.ed. São Paulo: Martins, Fontes, 2008.

## AS AUTORAS

**Samandra de Andrade Corrêa** é graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná(UENP).

**E-mail:** samandra.andrade@hotmail.com

**Eliana Merlin Deganutti de Barros** é professora titular da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e possui doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
**E-mail:** edeganutti@hotmail.com